

**AMORES DE SAFO (RJ, 1934):  
FICÇÕES DE SAFO EM UM “ROMANCE PARA HOMENS”<sup>1\*</sup>**

*Letícia Batista Rodrigues Leite<sup>2\*\*</sup>*

**Resumo:** *Este artigo visa expor uma análise dos usos dos fragmentados e controversos testemunhos antigos sobre a poeta Safo de Lesbos (VII-VI a.C.) na composição da novela Amores de Safo, publicada no Rio de Janeiro, no ano de 1934. Como se pretende mostrar, essa narrativa, assinada pelas iniciais B.E.A., traz como protagonista uma Safo ao gosto dos leitores e das leitoras das novelas galantes que se popularizaram no Brasil desde o final do Oitocentos. Para tanto, será feito, primeiramente, um breve comentário sobre a presença de evocações do nome da poeta em periódicos publicados no Rio de Janeiro oitocentista e em “novelas galantes” veiculadas pela imprensa carioca ilustrada de humor erótico, sobretudo a partir do começo do século XX. Será igualmente destacado o fato de que, nesta última, tais evocações se encontram com frequência associadas à temática do lesboerotismo, ressaltando ainda que essa temática também se faz presente nas páginas de romances licenciosos publicados no mesmo período. Tendo em vista que a associação da poeta de Lesbos à temática do lesboerotismo é, provavelmente, uma das mais contestadas e persistentes “ficções de Safo”, busca-se, numa perspectiva mais ampla, contribuir para a compreensão de sua circulação e popularização no Brasil.*

**Palavras-chave:** *Safo; Lesboerotismo; Recepção; Usos do passado; Literatura licenciosa.*

**AMORES DE SAFO (RJ, 1934):  
FICTIONS SAPHIQUES DANS UN ROMAN LICENCIEUX**

**Résumé:** *Cet article vise à analyser l'utilisation de témoignages anciens fragmentés et controversés sur la poétesse Sappho de Lesbos (VII-VI av. J.-C.) dans*

---

<sup>1</sup> Recebido em 16 de outubro de 2023 e aprovado em 17 de janeiro de 2024.

<sup>2</sup> Pesquisadora colaboradora plena no Programa de Pós-graduação em Metafísica (PPGμ) da Universidade de Brasília (UnB). Doutora em História pela Universidade Paris I Panthéon-Sorbonne/ANHIMA (*Anthropologie et Histoire des Mondes Anciens*). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5045-3364>. E-mail: [leticiaibr@gmail.com](mailto:leticiaibr@gmail.com).

*le tissage du roman Amores de Safo, publié à Rio de Janeiro en 1934. Comme nous entendons le montrer, ce récit, signé des initiales B.E.A., met en scène une Sappho en tant que protagoniste au goût des lecteurs et lectrices des romans licencieux qui ont été popularisés au Brésil depuis la fin des années 1800. Pour ce faire, nous ferons d'abord un bref commentaire sur la présence d'évocations du nom de la poète dans les périodiques publiés à Rio de Janeiro au XIXe siècle et dans les "contes licencieux" publiés par la presse illustrée d'humour érotique de Rio, en particulier depuis le début du XXe siècle. Nous mettrons également en évidence le fait que, dans cette dernière, ces évocations sont souvent associées au thème du lesboérotisme, en soulignant que ce thème est aussi présent dans les romans licencieux publiés à la même époque. Sachant que l'association de la poète de Lesbos au thème du lesboérotisme est probablement l'une des "fictions de Sappho" les plus contestées et les plus persistantes, l'objectif est de contribuer à la compréhension de sa circulation et de sa popularisation au Brésil dans une perspective plus large.*

**Mots-clés:** *Sappho; Lesboérotisme; Réception; Usages du passé; Littérature licencieuse.*

### Considerações iniciais

SAPPHO.

I am the queen of Lesbians.  
My love, that had no part in man's,  
Was sweeter than all shape of sweet.  
The intolerable infinite desire  
Made my face pale like faded fire  
When the ashen pyre falls through with heat.  
My blood was hot wan wine of love,  
And my song's sound the sound thereof,  
The sound of the delight of it.  
(Swinburne, 1866)

Como é bem sabido, a associação de Safo de Lesbos (séc. VII-VI a. C.) à temática do erotismo e do homoerotismo feminino é histórica e remonta à Antiguidade (cf. Blundell, 1995; Lardinois, 1995; Boehringer, 2022). O que se justifica, em primeiro lugar, pela forte presença da temática erótica em seus cantos, bem como pela presença, em parte deles,<sup>3</sup> de uma voz

---

<sup>3</sup> Esse é o caso, por exemplo, dos Fragmentos 1, 31 e 16 (Voigt, 1971), em que pesem as discussões em torno da ambiguidade do sujeito/objeto de desejo do Fragmento 31.

poética relacionada a termos marcados pelo gênero feminino que expressa seu desejo por um sujeito/objeto relacionado a termos também marcados pelo gênero gramatical feminino. Mas, para além dos cantos em si, e em que pesem as variadas interpretações acerca do significado desse homoerotismo em contexto, é na *Nachleben*,<sup>4</sup> isto é, na “vida póstuma” de Safo, ou melhor, no âmbito do que foi produzido em torno da figura de Safo e dos cantos a ela atribuídos, justamente a partir de um quase completo vazio de informações historicamente verificáveis sobre a autora, que essa associação se consolidaria (Boehringer; Rebreyend, 2003).

Com efeito, não foram poucos os trabalhos que se dedicaram a analisar essa *Nachleben*, isto é, os estudos que investigaram as recepções antigas (Yatromanolakis, 2007; Ragusa, 2022) e modernas de Safo e seus cantos, sobretudo no âmbito da produção artística de países como França, Itália, Inglaterra e Estados Unidos (DeJean, 1989; Demarchi, 2013; Gubar, 1984). Esses trabalhos, em diferentes medidas, contemplaram a temática do homoerotismo.

Mas, para além dessas pesquisas que podem ser identificadas com o campo de estudos de recepção dos clássicos, Safo, seus cantos e sua *Nachleben* com frequência aparecem no âmbito de investigações interessadas, de modo mais geral, pela presença da temática do “safismo” em diferentes tipos de expressões artístico-literárias (Albert, 2005), particularmente quando materializada em produções assinadas por mulheres. Manifestações artísticas que, conforme assinalado anteriormente, se fazem presentes, sobretudo a partir do final do século XIX, em diferentes países, incluindo os de língua portuguesa, como Portugal e Brasil (Silva, Vilela, 2011; Curopos, 2017).

Cabe, porém, ressaltar que a investigação da temática do lesboerotismo e da presença de personagens lésbicas no âmbito da literatura brasileira vem despontando como tema de trabalhos acadêmicos relativamente recen-

---

<sup>4</sup> Para um estudo desse conceito, ver: Damas (2022).

tes (Diniz, 2017; Facco, 2004, 2009; Melo, 2021). Além disso, esses estudos se debruçam principalmente sobre a produção contemporânea, isto é, sobre obras publicadas nos séculos XX e XXI. Não obstante a condição de contemporaneidade histórica dessa literatura, é interessante sublinhar o fato de que essas pesquisas regularmente apontam a poeta Safo de Lesbos como uma espécie de precursora da introdução da temática “lésbica” no âmbito literário.

Independentemente de ser justa ou não, fato é que essa atribuição se cristalizou e tem uma história que diz respeito, também, ao contexto brasileiro. Essa história, salvo algumas investigações recentes, parece ainda pouco explorada (Leite, 2021; 2023). A investigação apresentada neste artigo visa, portanto, contribuir nesse sentido. Isto é, se o objetivo mais preciso deste artigo é apresentar, brevemente, a investigação dos usos da *Nachleben* de Safo na composição da novela *Amores de Safo*, publicada no Rio de Janeiro em 1934, no âmbito da série “Leituras de Alcova”. De modo mais amplo, pretende-se contribuir para a construção de um entendimento sobre como, por quais caminhos, para além do âmbito de circulação da cultura dita “erudita”, ainda que em alguma medida atrelado a ela, Safo, seus cantos e sua *Nachleben* foram introduzidos e circularam no contexto brasileiro.

Interessa, em particular, compreender como e por que, ainda hoje, no Brasil – e, como se sabe, não só aqui –, mais de 25 séculos depois de sua existência, a poeta de Lesbos é reivindicada como uma espécie de “ícone lésbico” (Leite, 2017). O intuito não é, pois, defender ou contestar a leitura de Safo como uma introdutora da temática lésbica na literatura e tampouco aquela de uma Safo “amante de jovens e mulheres”, mas investigar como um imaginário preciso em torno dessa figura histórica e de seus cantos, isto é, aquele associado à temática do lesboerotismo, foi construído no Brasil.

Para tanto, antes da análise dos usos do passado ou, mais precisamente, dos usos dos *testimonia*,<sup>5</sup> isto é, dos testemunhos antigos sobre Safo na

---

5 Os testemunhos da Antiguidade referem-se a um conjunto de informações sobre autores antigos de diversos contextos e períodos. No caso de Safo, esses testemunhos são encontrados comodamente reunidos na edição bilingue (grego-

composição do enredo de *Amores de Safo*, será feito um balanço sucinto dos resultados apresentados por trabalhos que investigaram a presença de menções ao nome da poeta e da sua ilha, associadas ou não à temática do homoerotismo, no âmbito de periódicos cariocas, entre o final do XIX e o início do século XX. Será igualmente mencionado um dos romances licenciosos da série “Leituras de Alcova”, em que a presença da poeta de Lesbos se encontra atrelada à temática do lesboerotismo. O intuito dessa primeira parte é tornar o contexto de criação e emergência de *Amores de Safo* mais inteligível.

### **Safo na imprensa carioca...**

No texto “De ecos, elos e laços: recepções de Safo, recepções dos clássicos”, após uma primeira parte em que faz uma reflexão teórica acerca da “recepção dos clássicos” (Ragusa, 2022, p. 87-90), a professora, pesquisadora e tradutora Giuliana Ragusa traz exemplos a partir dos quais visa colocar em evidência o fato de que, longe de se limitar ao material pós-clássico, a recepção dos clássicos e, claro de Safo e suas canções, remonta à Antiguidade (Ragusa, 2022, p. 90-96). Ragusa se interessa, em especial, por evidenciar a influência das canções de Safo nas composições de poetas antigos a ela posteriores (Ragusa, 2022, p. 96-100). Essas composições, de acordo com a pesquisadora, ressaltam a “natureza pública, performática, pragmática e discursiva da poesia prevalentemente oral na ‘cultura da canção’”, a qual a poeta pertenceu (Ragusa, 2022, p. 100).

Isso feito, Ragusa empreende, em suas próprias palavras, um “passeio ligeiro” por periódicos publicados no Rio de Janeiro, no século XIX, como: o *Diário do Rio de Janeiro*, o *Correio Mercantil*, a *Marmota Fluminense* e a revista *Semana Ilustrada*, no intuito de “contemplar Safo entre nós”, isto é, no Brasil do século XIX (Ragusa, 2022, p. 100-111). Como resultado dessa marcha investigativa, a autora destaca, de entrada, o manifesto e in-

---

inglês) de David Campbell (1994 [1982]). Para um conjunto desses testemunhos traduzidos para o português, ver a edição de Guilherme Gontijo Flores (2017).

conteste reconhecimento da poeta presente nas páginas dos periódicos. Ali, tal como na Antiguidade, Safo figura ao lado de nomes como, entre outros, Homero e Píndaro.

Em seguida, dialogando com o artigo de Robert de Brose (2021), cuja pretensão é apresentar um panorama sobre a recepção de Safo na América Latina, Ragusa faz menção a outros ecos já relativamente conhecidos, atestando o impacto dos cantos sáficos em obras de autores e tradutores da poeta em língua portuguesa, que remontam ao final do século XVIII, como Tomás Antônio Gonzaga (1744-1810) e Almeida Garrett (1799-1854). A pesquisadora ressalta também o nome da escritora gaúcha Ana Eurídice Eufrosina de Barandas (1806-1863), nome literário de Ana Belmira da Fonseca Barandas, cuja obra *Ramalhete ou flores escolhidas no jardim da imaginação* (1845) traz ecos dos cantos sáficos (Ragusa, 2022, p. 101-102).

Ragusa destaca, então, as menções à suposta beleza da poeta de Lesbos, presentes nas páginas de alguns periódicos para servir de paralelo capaz de ressaltar a beleza física de famosas atrizes do período e de mulheres anônimas, bem como a presença de referências a traduções de fragmentos da poeta. Nesse sentido, destacam-se as presenças dos Fragmentos 1 e 31.

Por fim, a pesquisadora chama a atenção para as passagens em que Safo figura como uma espécie de heroína romântica exemplar, capaz de renunciar à própria vida por causa de uma malfadada paixão pelo barqueiro Fáon (Ragusa, 2022, p. 102-112). Aqui, Ragusa não deixa de lembrar que tal episódio acabou por entrar em definitivo para o rol das ficções de Safo, graças à sua retomada pelo poeta latino Ovídio,<sup>6</sup> no século I a.C., na décima quinta epístola das *Heroides* (OVÍDIO. *Heroides*. XV.). Sendo assim, convém avançar que, não por acaso, esse desditoso romance também figurará na novela *Amores de Safo*.

Findo o percurso, a autora conclui:

---

<sup>6</sup> Boehringer (2022, p. 262, n. 19) nota que, embora muito tempo contestada, por diversas razões, o debate em torno da autenticidade da coletânea e, particularmente, da carta XV, atualmente estaria superado.

*Tenho dito e redito: na recepção de Safo, encontramos a poeta, sua poesia, a personagem. Para esta, tantas ficções foram, são e serão tecidas, que nem mil vidas por ela vividas poderiam abarcar todas as experiências. O que isso quer dizer é que a importância de Safo faz dela, por um lado, um referente rico e multifacetado o suficiente, e, por outro, desconhecido o bastante, do ponto de vista histórico, empírico, para que seja, como foi e será, o que queremos que ela seja. A mesma Safo que no século XIX é prevalentemente a amorosa e bela mulher, a heroína romântica, é, de meados do século XX aos dias de hoje, sobretudo um referencial de afirmação da mulher nos mundos da produção da cultura e da sexualidade (Ragusa, 2022, p. 112).*

### **... e nas páginas de literatura licenciosa**

Porém, na perspectiva de pesquisadoras e pesquisadores que tomam como fontes outros impressos, lidos a partir de enfoques de pesquisa diferentes, a imagem preponderante de Safo, no século XIX, não é, tal como efetivamente atestado por Ragusa nas páginas das “grandes folhas” publicadas no Rio de Janeiro da época, apenas a da “amorosa e bela mulher, a heroína romântica”. Esse é, por exemplo, o caso da pesquisadora francesa Nicole Albert. Em seu *Saphisme et décadence dans Paris fin-de-siècle*, a autora ressalta que, no final do Oitocentos, no âmbito da literatura decadentista de língua inglesa e francesa produzida por autores como Algernon Charles Swinburne (1837-1909), Charles Baudelaire (1821-1967), Pierre Louÿs (1870-1925) e Renée Vivien (1877-1909), bem como, entre outros domínios artísticos, no âmbito de uma literatura popular em que a temática lesboerótica entrava aos poucos em cena, a poeta Safo aparece predominantemente representada como uma espécie de “rainha do safismo” (Albert, 2005, p. 17-21).

Nesse sentido, cabe ressaltar que a temática do lesboerotismo não tarda a se fazer presente em periódicos cariocas ilustrados de humor erótico, como o *Rio Nu* (1898-1916) e, principalmente, o *Sans dessous* (1909-1910) (Schettini, 1997, 2019; El Far, 2004). Com efeito, o estado atual das inves-

tigações sugere que, no Brasil, é sobretudo a partir do começo do século XX que a temática do lesboerotismo vai aparecer atrelada a menções ao nome da poeta Safo e/ou de sua ilha natal. Tal eco temático não é, portanto, fortuito, tendo em vista que muitos dos romances licenciosos e dos “contos galantes”, isto é, das breves narrativas publicadas em periódicos de humor erótico brasileiros, eram traduções de textos assinados por autores estrangeiros, traduzidos para o português.

Para ficar em um único exemplo, a *Shimmy* – Revista da Vida Moderna, semanário publicado no Rio de Janeiro entre 1925 e 1933, será tomada como amostra, tendo em vista que esse periódico já foi objeto de investigações precedentes (Leite, 2021; 2023). De um total de 282 números dessa revista que se encontram hoje disponíveis para consulta na base de dados da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, até o momento foram reperienciadas cinco narrativas em que a temática lesboerótica aparece. Em quatro dentre essas cinco, “Safo” ou a “ilha de Lesbos” é mencionada. Tal constatação torna possível sugerir que, nas páginas da *Shimmy*, quando a temática do lesboerotismo se faz presente, sistematicamente Safo ou sua ilha de origem, Lesbos, também se faz.

Isso não parece ser diferente nas páginas dos romances da série “Leituras de Alcova”, publicados no Rio de Janeiro, pela editora Imprensa Moderna, na qualidade de “suplementos de *Shimmy*” e da qual, conforme já indicado, *Amores de Safo* é título integrante. Essas narrativas gozam de uma popularidade que pode ser atribuída a pelo menos três fatores: a seus conteúdos, cujo potencial pedagógico veiculador de “saberes ignorados” merece atenção (Mendes, 2021, p. 275), à forma como esses conteúdos eram transmitidos, a saber: por intermédio de uma linguagem simples e direta e, por fim, aos preços acessíveis pelos quais esses impressos eram vendidos nas bancas de jornais e livrarias.<sup>7</sup> Isso posto, vale ressaltar ainda

---

<sup>7</sup> Os romances da série “Leituras de Alcova”, tal como indicado em suas capas e contracapas, eram vendidos “em todos os pontos de jornais”, pelo módico preço de 1.000 réis – preços abaixo da média do valor de 3-4 mil-réis pelo qual eram comercializados os chamados “livros populares” na virada do século XIX para o XX



que, embora tais romances apareçam muitas vezes qualificados como “livros para homens” – o que à primeira vista sugeriria uma restrição do seu público leitor, como já foi apontado por diferentes pesquisas (cf. Mendes, 2021; Moreira, 2023), eles muito provavelmente eram lidos por homens e mulheres.<sup>8</sup>

Tendo isso em vista, cumpre retornar para o que aqui interessa: a ocorrência de citações ao nome da poeta Safo e/ou da ilha de Lesbos associadas à temática do lesboerotismo nas páginas desses romances. Desse modo, antes de analisar *Amores de Safo*, romance cuja protagonista será, como sugere seu título, a poeta Safo, será feito um brevíssimo comentário acerca de outra novela da referida série, publicada em 1933: *Cinzas do pecado*, em que são encontradas menções não só à ilha de Lesbos e sua capital, Mitilene, como também ao nome da poeta Safo.

Assinado por, ao que tudo leva a crer, um nome de pluma: “Rodrigo de Triana”,<sup>9</sup> o romance traz a rememoração da saga de Evelina Brandão, uma viúva que, após a morte do marido, decide aproveitar, de forma intensa, os prazeres da vida. As aventuras vividas pela protagonista são narradas em primeira pessoa, uma vez que, logo nas primeiras páginas do romance, Evelina encontra o diário de sua mocidade, que ela se põe a ler.

As referências à Ilha de Lesbos, à sua capital e à poeta Safo ocorrem em uma passagem do texto na qual a narradora se encontra em um prostíbulo em Paris. Ocasião em que ela observa:

*Na falta de homens o mulherio do conventilho se entregava desenfreadamente às práticas que a tradição apontou como principal apa-*

---

(El Far, 2004, p.85). Vale lembrar que, durante seus oito anos de publicação, o preço da revista *Shimmy* variou, para a capital, entre 1.000 e 1.300 réis e, para os demais estados, entre 1.200 e 1.800 réis.

<sup>8</sup> Mendes (2021, p. 268) ressalta que, “ao contrário do que a expressão ‘livros para homens’ sugere, as mulheres eram alvos conscientes e deliberados dos produtores desses impressos”.

<sup>9</sup> Este é o nome e sobrenome de um marinheiro que teria acompanhado Cristóvão Colombo (1451-1506) e que seria o primeiro a avistar as terras da América.

*nágio das habitantes das ilhas do Mar Egeu, a moderna Mitilene, antiga Lesbos dos gregos.*

[...]

*Era Ninon uma das mais apaixonadas pelas práticas que imortalizaram a poetisa Safo. Tudo fez para que eu também prestasse culto a esta espécie anormal do amor* (Triana, 1933, p. 42).<sup>10</sup>

Esse excerto é paradigmático por pelo menos dois motivos. Em primeiro lugar, como é de praxe nesse tipo de narrativa, as referidas menções são apresentadas como se fossem uma evidência compartilhada por leitores e leitoras, isto é, ao falar da ilha grega de Lesbos e de Safo, fala-se de práticas eróticas exercida por e entre mulheres. Note-se, nesse sentido, a referência à “tradição”. Em segundo lugar, convém sublinhar que essa passagem faz eco a pelo menos dois lugares bastante comuns nas narrativas licenciosas da época ao tratarem da temática do homoerotismo entre mulheres: a frequente associação dessa prática à prostituição<sup>11</sup> e sua representação como modalidade erótica paliativa e “anormal”, à qual algumas mulheres acabam por recorrer seja pela falta de homens, seja pela insatisfação sexual para com seus maridos ou parceiros sexuais. Lugares-comuns que, não por acaso, reaparecerão na narrativa de *Amores de Safo*, como será observado a seguir.

### **Amores de Safo**

Considerando os impressos licenciosos estudados até o momento, nada parece comparável<sup>12</sup> à intensidade e à forma como os testemunhos antigos sobre a poeta Safo são usados na construção de *Amores de Safo*. Isso

---

<sup>10</sup> Grafia adaptada aqui e nos excertos de *Amores de Safo* que serão citados.

<sup>11</sup> Neste sentido, ver, entre outros, Santos (2023).

<sup>12</sup> É preciso, contudo, ressaltar que elementos presentes nos testemunhos antigos sobre Safo se fazem presentes, de diferentes maneiras, em romances como *Une femme m'apparut*, de Renée Vivien, publicado em 1904, e *Nova Safo*, de Visconde de Vila-Moura, publicado pela primeira vez em 1912. Para um comentário acerca dos ecos sáficos neste último romance, ver: Leite (2020).

porque, ao ser lido por uma leitora ou um leitor que esteja familiarizado com os cantos da poeta, com os testemunhos antigos sobre ela e com a sua *Nachleben* moderna, é possível ter a impressão de que todas, ou quase todas, as “ficções de Safo”, por mais paradoxais que elas possam parecer, estão ali contidas, agenciadas, de modo a corresponder ao gosto das narrativas de teor licencioso.

A novela, publicada em 1934, integra atualmente o Acervo Especial de Obras Raras da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Seu autor, ou autora, que até o presente momento da pesquisa não foi identificado/a, assina o romance com as iniciais “B.E.A”, cuja trama, com exceção das partes em que algumas personagens narram as suas próprias histórias em primeira pessoa, é contada em terceira pessoa. Mas, se nada é possível saber sobre ele ou ela, uma coisa é possível deduzir: seu contato direto ou indireto, e sua familiaridade com os testemunhos antigos em torno da poeta e, possivelmente, com os fragmentos de algumas de suas canções e com sua *Nachleben*.

A narrativa parte de uma breve nota biográfica que traz informações que já dão mostras do hábil uso de informações contidas em pelo menos três testemunhos antigos sobre a poeta: o Fragmento 1 do papiro de Oxirrincos 1800 (séc. II-III d.C.), o verbete sobre Safo, primeira entrada do léxico *Suda* Σ107 (X d.C.), e o excerto da Ode II de Horácio (HORÁCIO. *Odes*. II, 13, 24-25.), que remonta ao século I. a.C.

*Safo nasceu em Mitilene, no século sexto da nossa era, sendo descendente de uma ilustre e abastada família. Sua mãe chamava-se Cleís, seu pai Escamandrônimo. Teve três irmãos: Láríco, Eurígio e Caraxo.*

*Safo era morena, de baixa estatura, de formas desenvolvidas e de olhos pretos muito vivos. Seu semblante denotava um temperamento eminentemente erótico, másculo, que lhe valeu o nome de “máscula” (A., 1934, p. 3).*

Parte das informações contidas nos testemunhos supracitados, as quais, vale sublinhar, estão longe de serem precisas (no *Suda* [*Suda*. Σ, 107], por exemplo, há pelo menos nove nomes possíveis para o pai da poeta), são se-

leccionadas, outras adaptadas (como no caso das características físicas atribuídas à poeta, que no papiro de Oxirrinco [*P. Oxy.* 1800] é descrita como “desagradável e bastante feia, com a pele escura e baixíssima estatura”<sup>13</sup>); outras, por fim, parecem ser simplesmente criadas de modo a construir o tom inequivocamente licencioso do romance – como é o caso do “temperamento eminentemente erótico” atribuído à poeta.

O romance segue nos informando do interesse de Safo pelos “estudos filosóficos”, que remontaria à sua infância, mas não sem antes ressaltar de que tipo de filosofia se trata: “Safo nasceu na época em que a Grécia estava no apogeu de sua depravação e da filosofia sensual”<sup>14</sup> (A., 1934, p. 4). Tal representação da Grécia antiga é um lugar bastante comum nos contos galantes e nos romances licenciosos, isto é, a representação da Grécia e de outras sociedades antigas como lugares idealizados e exóticos, perfeitos para serem tomados como referenciais eruditos de refinamento, porém repletos de vícios (Leite, 2023). Seja como for, retomando a trama do romance, essa predileção pelos estudos faz com que, ainda na sua puberdade, o nome da Safo-personagem corra “de boca em boca, como filósofa e poetisa” (A., 1934, p. 4).

Dado “o ardor do seu temperamento que a fazia sonhar com prazeres ignorados, mas pressentidos”, a Safo-protagonista logo contrairia matrimônio com um homem que no romance é descrito como “rico e já bastante idoso”, chamado Cercala (A., 1934, p. 4). Esse casamento, porém, deixa Safo sexualmente bastante insatisfeita. Tal decepção, no contexto do romance, impulsiona a poeta a “fazer versos sobre a inferioridade dos homens, em face da mulher, em suas relações sexuais” (A., 1934, p. 5) – temática, vale ressaltar, ausente no que hoje permanece de suas canções –, bem como a pensar em buscar um amante. Nesta altura, porém, Safo-personagem já começa a sentir os primeiros sintomas de gravidez.

---

<sup>13</sup> Todas as passagens de testemunhos antigos que serão citadas retomam as traduções de Flores (2017).

<sup>14</sup> Referências à “filosofia sensual” se fazem igualmente presentes no romance *Nova Safo* (1921 [1912]).

Logo depois do parto, Safo entrega a filha, a qual dará o nome de Cleis, aos cuidados de uma ama de leite e recebe com alegria a notícia de que não tornaria a ficar grávida. Esse informe, aos olhos da protagonista, significa algo bastante positivo: a liberdade “de gozar com os homens sem correr o perigo de uma nova gravidez” (A., 1934, p. 5). Porém, a doença e morte do marido são ainda mais rápidas do que a concretização dos seus planos de ter um amante. Safo torna-se viúva.

Nas passagens supracitadas, o romance retoma, mais uma vez, informações transmitidas pelo *Suda*: “Casou-se com um homem riquíssimo, Cércilas de Andro, e dele teve uma filha chamada Cleís” (*Suda*. Σ, 107), mas não apenas. O nome de Cleis – que seria também o nome da mãe da poeta – é informação transmitida igualmente pelo papiro de Oxirrincos e por passagens de fragmentos de Safo, como o 132 (Voigt, 1971), que aqui será citado na tradução de Ragusa (2021): “Tenho bela menina, portando forma simil/a das áureas flores – Cleis, filha única”. Essa recorrência, convém frisar, é passível de fortalecer a credibilidade histórica da informação. O nome “Cércilas de Andros” (Κερκυλα ἀπὸ Ἄνδρου), por sua vez, conforme ressaltado por Boehringer, merece ser reconsiderado com cuidado, pois, formado a partir do termo κέρκος, que, na comédia, significa “pênis”, sugere um trocadilho que faz de Safo esposa do “senhor Pênis, originário da ilha Homem” (Boehringer, 2022, p. 259).

Passado esse momento do relato, é uma nova fase da vida da Safo-personagem que começa. Ela dedica-se a compor com mais afinco “belas poesias, nas quais cantava as delícias do prazer sensual” (A., 1934, p. 6) e, depois de um período de reclusão e luto, toma a decisão de não contrair novas núpcias e de tornar-se cortesã, mas sem cobrar nada por isso. É, pois, neste ponto da narrativa que a poeta recebe a visita do irmão Caraxo, com quem, passado um momento de diálogo em que narra as decepções decorrentes do matrimônio, Safo logo entra em “luta amorosa” (A., 1934, p. 7) – expressão que, cumpre destacar, faz eco à passagem do famoso Fragmento 1 – “sê minha aliada de lutas” (Ragusa, 2021).

As páginas da novela trazem esse enlace erótico descrito em detalhes,

no decorrer de quase quatro páginas (A., 1934, p. 11-14). Tal extensão parece fazer jus à importância dessa ligação erótico-amorosa para os rumos da história, pois uma vez rompida pela partida do irmão para Náucratis, no Egito, e seu posterior enamoramento pela cortesã Rodopisa, “chamada Dórica pelos Gregos” (A., 1934, p. 14), essa nova desilusão não só impulsiona Safo-personagem a “escrever epigramas e versos contra a cortesã que lhe roubava o amor do amante” (A., 1934, p. 16), como também faz com que a poeta-protagonista jure nunca mais ter relações íntimas com os homens.

Antes de seguir com o resumo da narrativa, é preciso fazer uma pausa para sublinhar que, neste “ponto de virada” da história há, em primeiro lugar, e mais uma vez, o uso de informações transmitidas por testemunhos antigos: pelo já citado papiro de Oxirrinco, informando que, em viagem ao Egito, Caraxo “se juntou a uma certa Dórica, com quem teve muitos gastos” (*P. Oxy.* 1800), e por passagem presente nas *Histórias* de Heródoto (Heródoto. *Histórias*. II, 135-136), autor do século V a.C., que fazem referência ao fato de que a poeta de Lesbos teria feito menção ao irmão, em tom de censura, em seus versos. Tal alusão pode de certa forma ser atestada, por exemplo, pelos Fragmentos 5 e 15 da poeta (Voigt, 1971). Há, em segundo lugar, uma inovação inusitada: em *Amores de Safo*, Caraxo ganha o papel de amante da irmã, mas não só. Ele é também uma espécie de iniciador da irmã nas práticas homoeróticas ou, pelo menos, desencadeador dessas experiências – uma vez que, de acordo com o romance, Safo “por diversas vezes fora atraída pela beleza de uma de suas amigas” (A., 1934, p. 16). Ademais, se a decepção causada por sua partida e enamoramento por outra faz com que Safo se decida a nunca mais ter homens como amantes, é ele, Caraxo, quem lhe apresenta e mostra, na prática, uma nova forma de obter intenso prazer sexual: procedimento esse que poderia ser realizado pelos lábios de qualquer pessoa, independentemente do seu gênero. Por fim, é digno de nota o fato de que outra “ficção de Safo” é pontualmente retomada nesse “ponto de virada” da narrativa: a figura da Safo cortesã. Essa “ficção” se faz presente, em negativa, em passagem de um testemunho antigo

como *Histórias Diversas*, de Eliano (Eliano. *Histórias Diversas*. 12.19), autor do século II d.C., que traz a tese de duas Safos, uma poeta e outra cortesã. Tal tese ecoa também, e amplamente, na *Nachleben* que remonta ao século XIX, como é possível verificar, para tomar um só exemplo, por intermédio da leitura do artigo de Émile Deschanel, “Étude sur l’antiquité, Sappho et les lesbiennes”, publicado na *Revista dos Dois Mundos*, em 1847 (Deschanel, 1847).

É a partir desse ponto da narrativa que os amores sáficos entram, portanto, em cena. Surge, então, uma série de personagens femininas que serão apresentadas, sem equívoco, como amantes de Safo. Tais personagens já se faziam presentes em um testemunho antigo como o *Suda* (*Suda*. Σ, 107), mas eram ali qualificadas como “discípulas” da poeta, não como suas amantes. A primeira delas é Anágora de Mileto, retratada como uma jovem cortesã que, uma vez seduzida por Safo-personagem – em longa e detalhada cena de enlace erótico (A., 1934, p. 18-21) – e tornada sua amante, funda com ela uma escola, no intuito de conquistar novas adeptas às práticas descritas no romance como “uma aberração”, “um vício nefando” que teria se implantado até nos “lares mais decentes” (A., 1934, p. 35), isto é, de forma nada elogiosa, confirmando outro traço nada incomum em narrativas contemporâneas pertencentes ao mesmo gênero. Em seguida, somos apresentados a outros dois nomes igualmente já presentes no *Suda* (*Suda*. Σ, 107) ao lado daquele de Anágora: Gongila, de Colofonia, e Eunica, de Salamina. As três são, portanto, apresentadas na novela como as “amigas”, isto é, as amantes “prediletas de Safo [...] cujos amores lhe inspiraram apaixonados versos cheios de voluptuosidade e lascívia” (A., 1934, p. 35). Sendo assim, também com relação ao primeiro encontro erótico com as duas últimas, sobretudo ao enlace com Eunica, o romance, mais uma vez, é pródigo em detalhes (A., 1934, p. 42-43).

Mas as amantes, como descreve o romance, “foram inúmeras” (A., 1934, p. 46), pois Safo conquista “muitas prosélitas, não somente entre as descontentes do amor natural, mas também entre as jovens virgens e meninas impúberes, que eram por ela adestradas em seus vícios, com o fito de

separá-las dos homens”. Assim, contrariando as interpretações propostas e aceitas por grande parte de estudiosas e estudiosos contemporâneos, o romance traz uma Safo-personagem que compõe poesias que falam de suas próprias experiências, sobretudo das homoeróticas. Consequentemente, no espaço narrativo da novela licenciada, nota-se a ausência de interesse em apresentar Safo como uma professora virtuosa, como líder de um grupo religioso ou, ainda, como dirigente de um coro, que teria, entre outros intuitos, a função social de preparar virgens – que aparecem nomeadas em alguns fragmentos, ou referenciadas no coletivo por termos como *kórai*, *parthénoi* e *paides* (cf. Ragusa, 2019, p. 226-234) – para suas futuras vidas adultas como esposas.

Por último, importa enfatizar, o encerramento do romance não poderia ser outro: Safo encontrará Fáon. Esse encontro se dará por intermédio de Cirne, que outrora “sacerdotisa”, isto é, partidária do “amor lésbico”, tornara-se amante de Fáon e por isso virá até Safo-personagem desculpar-se pela sua infidelidade, bem como narrar, em detalhes, como se dera seu envolvimento com ele (A., 1934, p. 46-54). Safo, que se verá inesperadamente excitada pela narrativa de Cirne, por intermédio desta última convidará Fáon para vir a seu encontro.

Aquí ocorre, então, o ponto de virada definitivo do romance: Safo e Fáon viverão um breve e intenso período de idílio erótico, descrito no romance de forma bastante breve (A., 1934, p. 60). Uma vez finda essa relação, Safo é levada ao desespero e toma uma decisão: atirar-se do rochedo de Lêucade. O romance chega, então, ao fim, ecoando o que é uma das mais conhecidas “ficções de Safo” presentes em textos antigos e outras tantas representações modernas (cf. Demarchi, 2016): o seu suicídio. Esse episódio, como anteriormente ressaltado, tem sua cristalização creditada à já referida décima quinta carta das *Heroides*, de Ovídio (Ovídio. *Heroides*. XV), que, como se sabe, traz como remetente ficcional a poeta Safo e como destinatário Fáon.



## Considerações finais

Diante do que foi exposto, é possível sustentar que a figura de uma Safo “amante de mulheres”, também no Brasil, não se trata de uma “ficção” que remete somente à segunda metade do século XX, atrelada às pautas progressistas trazidas pelos movimentos feministas da chamada “segunda onda” e, portanto, vinculada à afirmação de mulheres intelectualizadas, ligadas aos mundos das artes e/ou, sobretudo, aos movimentos lésbico-feministas.

Como se objetivou evidenciar, é possível localizar outras manifestações mais antigas, que circularam no Brasil – como essas presentes em impressos de humor erótico, hoje marginalizados, mas que outrora foram bastante populares –, que podem ter contribuído para a circulação dessa e de outras memórias em torno da poeta de Lesbos. Essas pistas auxiliam a compreender, de forma mais aprofundada, a presença de uma figura histórica tão antiga e enigmática como Safo, no imaginário do Brasil de ontem e de hoje.

No que se refere, particularmente, à representação da temática do homoeotismo feminino em *Amores de Safo*, tal como já fora observado em outras páginas de caráter humorístico e licencioso estudadas (Leite, 2021; 2023), foi possível mostrar que essa prática é também ali representada ora como uma alternativa erótica que tem a vantagem de prescindir dos homens, ora como uma espécie de predileção erótica possível, tolerada por estimular a fantasia masculina. Mas, paralelamente a isso, é imperativo não perder de vista que essa prática homoerótica é também percebida, de maneira inequívoca, como uma patologia sexual e social, que tem o pernicioso potencial de inverter o regime de gênero e a moral sexual vigentes. Diante disso, é possível conjecturar mais uma vez que evocar “Safo” e a “ilha de Lesbos” se faz útil por vincular o “safismo” a uma prática antiga e exótica que, portanto, ainda que tolerada dentro de certos limites e contextos, não é considerada como normal e natural, isto é, como parte integrante da ordem social vigente nas primeiras décadas do século XX. Trata-se de uma excentricidade moderna que reatualizaria um hábito convenientemente imputado à Antiguidade grega e que, de resto, traz a vantagem de atender aos objetivos humorísticos dos impressos licenciosos.

### **Safo – edições e traduções**

- CAMPBELL, David (ed.). *Greek lyric I – Sappho and Alceus*. 3rd ed. Cambridge: Harvard University Press, 1994. [1982]
- FLORES, Guilherme Gontijo (org., trad.). *Safo: fragmentos completos*. São Paulo: Editora 34, 2017.
- RAGUSA, Giuliana (org., trad.). *Safo de Lesbos: Hino a Afrodite e Outros Poemas*. 2. ed., revista e ampliada, atualizada, bilíngue. São Paulo: Hedra, 2021.
- VOIGT, Eva-Maria (éd.). *Sappho et Alcaeus: fragmenta*. Amsterdã: Athenaeum – Polak & Van-Gennep, 1971.

### **Documentação escrita**

- ADLER, Ada. *Lexicographi Graeci – Suidae lexicon*. Stuttgart: Teubner, 1989. 4 vols.
- ELIANO. *Histórias Diversas*. Tradução de Regina Schöpke e Mauro Baladi. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- GRENFELL, Bernard; HUNT, Arthur. *The Oxyrhynchus Papyri – Part XV*. Londres: Egypt Exploration Society, 1922.
- HERÓDOTO. *Histórias (Livro II – Euterpe)*. Tradução de Maria Aparecida de Oliveira Silva. São Paulo: Edipro, 2016.
- HORÁCIO. *Odes*. Tradução de Pedro Braga Falcão. São Paulo: Editora 34, 2021.
- OVÍDIO. *Heroides*. Tradução de Carlos Ascenso André. Lisboa: Livros Cotovia, 2015.

### **Referências bibliográficas**

- A. B. E. *Amores de Safo*. Rio de Janeiro: Imprensa Moderna, 1934.
- ALBERT, Nicole. *Saphisme et décadence dans Paris fin-de-siècle*. Paris: La Martinière, 2005.
- BLUNDELL, Sue. Women as Poet: Sappho. In: \_\_\_\_\_. *Women in ancient Greece*. Cambridge: Harvard University Press, 1995. p. 92-81.
- BOEHRINGER, Sandra. *Homossexualidade feminina na Antiguidade grega e romana*. São Paulo: Editora UNIFESP, 2022.

- \_\_\_\_\_.; REBREYEND, Anne-Claire. Sappho. In: TIN, Louis-Georges (dir.). *Dictionnaire de l'homophobie*. Paris: PUF, 2003. p. 367-368.
- BROSE, Robert de. Sappho in Latin America. In: FINGLASS, Patrick; KELLY, Adrian (eds.). *The Cambridge Companion to Sappho*. Cambridge: University Press, 2021. p. 423-440.
- CUROPOS, Fernando. Safo fim de século: lesboerotismo na poesia finis-secular portuguesa. In: VILELA, Ana Luísa; SILVA, Fabio Mario da; DAL FARRA, Maria Lúcia (orgs.). *O Feminino e o Moderno*. Lisboa: Clepul, 2017. p. 145-155.
- DAMAS, Naiara. Das muitas vidas do passado – *Nachleben*, História e temporalidade em Aby Warburg. *Imagem – Revista de História da Arte*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 117-143, 2022.
- DEJEAN, Joan. *Fictions of Sappho, 1546-1937*. Chicago & London: The University of Chicago Press, 1989.
- DEMARCHI, Cristiane. *Uma Safo à francesa: estudo das representações de Safo em imagens pictóricas da França do século XIX*. Tese (Doutorado em Educação), Programa de Pós-graduação em Educação – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.
- DESCHANEL, Émile. Étude sur l'antiquité, Sappho et les lesbiennes. *Revue des Deux-Mondes*, 15 juin 1847.
- DINIZ, Rozeane. *Do “amor” que dizem o nome: as representações das lesbianidades no cordel*. Tese (Doutorado em Literatura e Interculturalidade), Programa de Pós-graduação em Literatura e Interculturalidade – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2017.
- EL FAR, Alessandra. *Páginas de sensação: literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro, 1870-1924*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- FACCO, Lúcia. *As heroínas saem do armário: literatura lésbica contemporânea*. São Paulo: GLS, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Era uma vez um casal diferente: a temática homossexual na educação literária infanto-juvenil*. São Paulo: Summus Editorial, 2009.
- GUBAR, Susan. Sapphistries. *Signs*, Chicago, v. 10, n. 1, p. 43-62, Autumn, 1984.
- LARDINOIS, André. Safo lésbica e Safo de Lesbos. In: BREMMER, Jan (org.). *De Safo a Sade: momentos na história da sexualidade*. Campinas: Papyrus, 1995 [1991]. p. 27-50.
- LEITE, Letticia. Safo de Lesbos: ícone lésbico? In: Seminário Internacional

Fazendo Gênero/Women's Worlds Congress, 11/13, Florianópolis. *Anais Eletrônicos [...] Florianópolis*, 2017. Disponível em: <http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/site/anaiscomplementares#J>. Acesso em: 15 nov. 2023.

\_\_\_\_\_. Lesboerotismo à lusitana: ecos sáficos-vivienniens no romance *Nova Safo*. In: MENDES, Algemira; SILVA, Fabio; CUROPOS, Fernando; SILVA, Maria (orgs.). *Faces de Eros*. Teresina: Cancioneiro, 2020. p. 71-81.

\_\_\_\_\_. Safo: uma mulher antiga nas páginas da “vida moderna”. *Mythos – Revista de História Antiga e Medieval, Imperatriz*, v. X, p. 217-235, 2021.

\_\_\_\_\_. Amores sáficos em revista: Safo e a ilha de Lesbos na *Shimmy* (RJ, 1925-1933). *Via Atlântica*, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 243-274, 2023.

MELO, Carolinne. *O devir lésbico na literatura brasileira: entre a tradição e a ruptura*. Dissertação (Mestrado em Literatura e Interculturalidade), Programa de Pós-graduação em Literatura e Interculturalidade – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2021.

MENDES, Leonardo. Mulheres que liam “livros para homens” no fim do século XIX. In: AMORIN, Ana Maria; NEUMANN, Gerson (orgs.). *Histórias da literatura: entre as páginas da tradição*. v. 1. Porto Alegre: Class, 2021. p. 266-281.

MOREIRA, Aline. Livros que as mulheres (não) devem ler: impressos licenciosos no Brasil no final do Oitocentos. *Via Atlântica*, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 48-82, 2023.

RAGUSA, Giuliana. Safo de Lesbos – De líras e neblinas. In: REDE, Marcelo (org.). *Vidas antigas: ensaios biográficos da Antiguidade*. São Paulo: Intermeios, 2019. p. 211-238.

\_\_\_\_\_. De ecos, elos e laços: recepções de Safo, recepções dos clássicos. In: ABREU, Fernanda; OLIVEIRA, Gabriela; QUEVEDO, Rafael (orgs.). *A poesia na Ágora*. São Luís: EDUFMA, 2022. p. 82-116.

SANTOS, Claudiana. A liberdade é uma vertigem: prostituição e lesbianidade na literatura do grande século XIX. *Via Atlântica*, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 168-197, 2023.

SCHETTINI, Cristiana. *Um gênero alegre: imprensa e pornografia no Rio de Janeiro (1898-1916)*. Dissertação (Mestrado em História), Programa de Pós-graduação em História – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

\_\_\_\_\_. *Clichês baratos: sexo e humor na imprensa ilustrada carioca do início do século XX*. Campinas: Editora UNICAMP, 2019.

SILVA, Fabio da; VILELA, Ana Luísa Homo(lesbo)erotismo e literatura, no

- Ocidente e em Portugal: Safo e Judith Teixeira. *Navegações*, Porto Alegre, v. 4, n. 1, p. 69-76, 2011.
- SWINBURNE, Charles. *Poems and Ballads*. London: William Heinemann, 1917 [1866].
- TRIANA, Rodrigo de. *Cinzas do peccado*. Rio de Janeiro: Imprensa Moderna, 1933. Disponível em: [http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo\\_digital/div\\_obrasraras/or852340/or852340.pdf](http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_obrasraras/or852340/or852340.pdf). Acesso em: 13 out. 2023.
- VILLA-MOURA, Visconde de. *Nova Sapho*: Tragedia Extranha. 2. ed. Rio de Janeiro/Porto: Anuario do Brasil/Renascença Portuguesa, 1921 [1912]. Disponível em: [www.gutenberg.org](http://www.gutenberg.org). Acesso em: 09 mar. 2019.
- VIVIEN, Renée. *Une Femme m'a apparut*. Paris: Alphonse Lemerre, 1904. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k113413z>. Acesso em: 10 out. 2023.
- YATROMANOLAKIS, Dimitrios. *Sappho in the Making*. The Early Reception. Cambridge/London: Harvard University Press, 2007.